

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração - Calçada do Combro, 58-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Ente. telegr. *Talaba - Lisboa* • Telefones:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EXPEDIENTES...

Não somos tam facciosos nem tam pouco razoáveis que neguemos o direito de quem quer que seja se defenda sempre que seja atacado, sobretudo quando esse ataque é injusto. E tanto reconhecemos semelhante direito ao simples indivíduo como às colectividades ou aos governos. A todos se deve exigir, porém, que exerçam esse direito lealmente, com nobreza, especialmente quando o adversário não usou de armas traiçoeiras, porque sempre que alguém vem a terreno escrimir perdidamente, a causa por que pleiteia é causa perdida.

A *Batalha*, através da sua acidentada existência, como órgão de combate que é, tem atacado, por vezes com grande impetuosidade, os adversários, que são legítimos, posto que formam em todos os redutos da burguesia, e tendo errado quiza muitas vezes, afana-se todavia de não ter recorrido a torpes processos para alvejar os que lhe são contrários, porque sabemos bem que se o fizesse não seriam somente aqueles que constituem a classe oposta que justamente nos censurariam tal atitude, mas também entre as próprias fileiras operárias, onde existem caracteres muito integros, se levantariam justos protestos contra semelhante orientação, que briga com a nossa moral.

Revolucionários, não se pode apor de nós louvaminhas às instituições actuais e aos homens que as servem, mas antes uma batalha sem treguas às primeiras, por as considerarmos incapazes de proporcionar a humanidade aquela soma de bem-estar que ambicionamos para todos, motivo porque as desejamos ver transformadas; aos segundos, por pretenderem manter essas instituições pela astúcia e pela força, embora reconheçam que elas estão longe de satisfazer os legítimos anseios dos homens de ideais avançados.

Acharíamos perfeitamente legítimo que aos nossos ataques correspondessem os governantes com as suas mais vivas impugnações, mas verifica-se que eles não sabem argumentar senão lançando mão da insidia, conforme o team demonstrado através destes dez anos

NOTAS & COMENTARIOS

A lei acelerada - Está sendo votada a lei acelerada, com a maior das naturalidades, como se efectivamente se tratasse duma grande medida de salvação pública. Consta que, por esse motivo, um grupo de electores vai promover uma manifestação de simpatia aos illustres pais da Pátria, reclamando para eles o direito exclusivo às passagens gratuitas para a Guiné...

Liberdade - A república é um regime de liberdade! A liberdade de trabalhar por uma bagatela, de vadear quando há dinheiro a render, ou rendas a extorquir aos inquilinos pobres; liberdade de arrecadar os dinheiros públicos, sempre que haja ocasião para tal; liberdade de pensar, se não se diz o que se pensa; de fumar, quando há tabaco nacional; de comer, insuficientemente uma vez ao dia; de ganhar dinheiro em negócios ilícitos; de governar quando se é Baptista...

Estamos ou não num regime de liberdade? Evidentemente.

Eraditos - Grita-se por aí, nos cafés e nos teatros, nos ministérios e nos combóios... da batota, no parlamento ou na Praça da Figueira, que o povo é analfabeto, que o povo não sabe ler. E nós estamos plenamente de acordo com o que por aí se grita. Tivemos, porém, ultimamente a explicação do facto: a instrução vai toda, por descuido dos poderes públicos, para os *podridões, pitindões e dementidos*, insectos eruditos da Biblioteca Nacional, que ali devoraram as nossas melhores obras literárias e científicas...

Entre gente chic - Como tens passado? Estás abatido hoje...
-É verdade, meu caro; sinto-me hoje mais extenuado do que nunca.
-Andaste na pândega, apostos?
-Não. Levantei-me cedo, era meio-dia talvez; meti-me no *Mercedes* e ordenei ao chauffeur que me conduzisse ao Banco Ultramarino. Ali tive que fazer umas dúzias ou três assinaturas para receber umas dezenas de contos, vindas lá da roça, de S. Tomé, e fiquei extenuado. Foi um verdadeiro dia de trabalho...

E os negros, na roça, a divertirem-se, sob um sol que tudo reduz a torresmos!

"A Batalha" e a mordaga

Desde terça-feira da semana passada que a *Batalha* se encontrava suspensa. Tendo nós enviado para a máquina o número correspondente a esse dia, a policia de segurança do Estado, depois de haver exercido a censura sobre esse número, como a tem exercido diariamente, impediu que ele circulasse, mas a mesma semcermonia com que o havia feito anteriormente.

Em face de tam arbitrário procedimento, que é tudo quanto há de mais inédito na série, já longa, de violências governamentais, deliberamos suspender novamente a *Batalha*, uma vez que é evidente o propósito do governo de amordaçar este jornal, que decididamente não está disposto a pôr as suas colunas ao seu serviço.

A *Batalha* reaparece hoje, mas continua sob a ameaça das perseguições governamentais, que são fruta do tempo desde que a testa dos negócios públicos se encontra a alta capacidade baptistina que ao país se apresentou como o pai-mãe da Ordem.

E assim será até um dia...

União dos Sindicatos Operários

O 1.º de Maio - Os presos por questões sociais e a actual situação

Para que a organização operária se pronuncie sobre a forma do operariado se manifestar no próximo dia 1.º de Maio, resolveu este organismo convocar hoje, pelas 13 horas prefixas, uma reunião de todas as direcções dos sindicatos aderentes e não aderentes.

Deve-se também tratar da realização dum protesto digno e solidário, contra as violentas perseguições governamentais à classe trabalhadora, que vêm os seus sindicatos arbitrariamente encerrados e os seus militantes injustamente presos, simplesmente por lutarem pelo bem-estar colectivo, enquanto os causadores da situação aflitiva do povo, os assambradores, continuam livremente praticando as maiores roubalheiras.

São por este meio também convidados todos os delegados à U. S. O., a comparecer na reunião de hoje. Que ninguém falte sob os desejos da comissão administrativa.

Concepção anarquista do sindicalismo

Brevemente será posto à venda este trabalho, de que é autor o nosso preso camarada distinto colaborador Neno Vasco, o segundo livro editado pela secção editorial de *A Batalha*, e que certamente vai obter um grande êxito.

Resumiremos em breves palavras o conteúdo do livro e os intuitos do autor.

Depois de esboçar os princípios basilares do comunismo anarquista e do seu método permanente de acção e organização (anarquismo ou método anarquista), o autor faz um rápido estudo histórico-crítico do pensamento anarquista sobre o movimento operário e sobre o grupo de produtores, como órgão de luta de classes e núcleo reorganizador da sociedade. E conclui que o anarquismo é «sindicalista» desde o berço, e que quanto mais anarquista, mais sindicalista.

Vem depois, em capítulos sucessivos, o exame, desde a Internacional, da concepção libertária da «independência do movimento operário», do «revolucionário automático do sindicato», do livre embate de ideias e métodos na organização operária, para se obter a união fundada sobre a liberdade.

Guidado por este mesmo princípio, o autor diz qual deve ser, na sua opinião, o objectivo imediato da actividade sindical, sob pena de traír a base de acordos, oferecida a todos os trabalhadores dispostos à resistência antipatriarcal: as conquistas operárias directas, nunca as reformas burguesas pertencentes ao âmbito da economia capitalista.

Definida a luta de classe e mostrados os perigos da colaboração do proletariado com a burguesia, o autor passa a considerar o sindicato do ponto de vista libertário: grupo aberto e voluntário, desembaragado de funções económicas conservadoras, inteiramente consagrado à resistência ou acção directa, não empregando para o alistamento de aderentes outros meios além da propaganda e do exemplo de dedicação e actividade, além da iniciativa da acção, da educação e dos atractivos da associação e da camaradagem. Repudia, pois, qualquer coacção para o recrutamento, e com mais forte razão, se proveniente do Estado, com as burras grosseiras da «sindicalização» e «arbitragem» obrigatórias.

Ao aqui os sete primeiros captivos, que formam o tomo primeiro.

Os assuntos tratados no segundo, em seguimento da doutrina anterior, são em resumo: a *sindicalização*, o que é e como deve ser realizada; a *expropriação*, seus problemas e dificuldades; o *funcionalismo* sindical e os perigos duma *burocracia* revolucionária.

O autor combate os velhos métodos marxistas da «ditadura proletária» e passa a examinar as lições da Revolução Russa, com a intenção de mais tarde desenvolver o assunto em novo opúsculo, com mais fartos elementos. Proclamando o valor do grandioso acontecimento - que ele foi o primeiro, em Portugal, a pressentir como o início da nova era socialista, maior do que o da era burguesa - e reconhecendo a sinceridade e grandeza dos revolucionários russos, perfeitamente conscientes da urgente tarefa de defender a revolução russa contra a burguesia internacional e da responsabilidade que cabe à inação e morosidade do proletariado europeu, e sobretudo ocidental, no emprego de meios e métodos, aos quais, na Rússia, a necessidade de defesa contra poderosos e numerosos inimigos e obstáculos, deu todas as aparências de justificação, o autor nem por isso deixa de combater certos exageros e confusionismos que a avassaladora influência da grande revolução oriental muito naturalmente provocou, e que o tempo passa menos simpatias certos métodos erróneos e tentativas de desvio que, servindo-se do prestigio da revolução e aproveitando-lhe apenas o pior, procuram reabilitar-se no animo apaixonado do proletariado ocidental.

Os intuitos do autor ficam pois patentes com o resumo sumariíssimo que acabamos de fazer: recordos os princípios essenciais do anarquismo, do sindicalismo revolucionário, que as crises e paixões fazem por vezes perder de vista, e combater métodos autoritários e burocráticos, que se parecem justificados pelas circunstâncias na Rússia, não temos razão para implantar entre nós, na Europa Ocidental, quando é certo que, para mais, não iniciamos as continuarmos a revolução, dando com ela o golpe de misericórdia no poder internacional da burguesia europeia.

E então em Portugal, que, pela sua situação geográfica, económica, política, interna e externa, parece destinado a enfileirar no colco do préstio ou pouco menos!

A. HAMON

Por motivo da greve dos camaradas dos correios e telegrafos, só há dias recebemos três artigos do nosso distinto colaborador Augustin Hamon, o primeiro dos quais *A Batalha* dará a estampa depois de amanhã, e que se intitula *A questão turca*, com a data de 10 de Março. Os dois restantes artigos, igualmente muito interessantes, tem por titulo: *Carta aberta ao sr. Wilson*, de 14 de Março, e *A revolução alemã e os seus ensinamentos*, escrito em 3 do corrente mês e que *A Batalha* publicará nos números de quinta-feira e de 1 de Maio - se o coronel não mandar o contrário...

O terror branco na Hungria

A reacção húngara comete os mais odiosos crimes sobre o povo trabalhador - O horror dos morticínios começa a provocar o protesto mundial

A imprensa burguesa, que tam sensível e humanitária se mostra quando as populações revoltadas fazem cair sobre os seus despotas todo o peso das infâmias e tiranias que eles lhes tem imposto, alcinhando de *terror vermelho* a acção naturalmente violenta do povo, não encontra na sua alma tam esquivamente sensível às dores dos tiranos, os mesmos anseios de humanitarismo, que a fazem soltar brados de indignação ante os assassinatos e vilanias praticados pela reacção húngara, actualmente de posse do poder, facilmente protegida pelas nações aliadas, não menos reacçãoárias.

Na Hungria impera o verdadeiro terror, que paciente e jesuiticamente escore, às suas vítimas, não poupando mesmo aquelas que, com a sua atitude equívoca ou oposicionista, em muito contribuíram para a queda da república proletária, cuja acção violenta, tam encarnadamente combatida pela imprensa mercenária de todos os países, não foi tam profunda como falsamente se propalou, limitando-se, simplesmente a actos de legítima defesa, pois não perseguia ferozmente os seus cruéis inimigos, que tendo tempo de se recompor, tratam de exercer contra os partidários da República dos conselhos, a mais perversa das vinganças.

Esperamos dar um relato mais desenvolvido das atrocidades cometidas pelos tiranos de Hungria dando hoje a palavra a Angel Samblanc, que, sob o título *Hungarias*, publica em *La Libertad*, jornal burguês de Madrid, um artigo rebatendo as afirmações dos governantes húngaros que hipocritamente negam o assassinato dum escritor daquela país, ignominiosamente sacrificado ao odio negro da reacção.

Samblanc, juntando a sua voz ao protesto que tal crime provocou, diz: «André Latzko, o grande escritor húngaro, esteve preso na Bastilha de Budapest, desde Novembro do ano passado até fins da Janeiro deste ano, época em que o processaram e condenaram à morte. A notícia, não só da sua condenação como também da sua execução, foi publicada em todos os jornais de Austria e Hungria, e até na câmara dos deputados de Budapest foi interpelado o governo sobre o assunto.

Assustado, Horthy, o famoso almirante vermelho, ante a tempestade de protestos e de indignação que o rumor do assassinato de Latzko desencadeara em todas as partes, deu um passo atrás e fez publicar uma rectificação oficial da morte do insigne novelista.

Mas aquela rectificação não tranquilizou ninguém, como tampouco o último desmentido tem conseguido convencer.

A estas horas ignora-se o paradeiro de Latzko e começa-se a temer que tenha sido cosido a punhaladas no próprio calabouço, e que tenham feito desaparecer, como aconteceu ao *leader* socialista Somogyi e tantos outros, arrojando o seu cadáver ao Danúbio.

A quem tenha seguido a acção do almirante vermelho e do governo branco, a hipótese não lhe parecerá descabida.

O de Latzko seria o assassinato cinco mil ou cinco mil e um, pois a tal soma se calcula que ascende o número de vítimas do terror branco.

Só no massacre de Keesement perderam a vida quatrocentos socialistas.

Contradições

Não há dúvida que a república, que deve a sua existência não às figuras marcantes da politica republicana, mas ao esforço dos trabalhadores, à medida que o tempo passa menos simpatias merece ao povo, meros dos erros dos homens que tem estado à frente das instituições.

Esses homens, enquanto detêm o poder, embriagados pela ambição, procedem geralmente de maneira a conciliar contra o próprio regime a justa indignação dos que às baixas coisas da politica se conservam alheios, sendo frequente ver esses mesmos homens, uma vez na oposição, fazer, com aparentes protestos de sinceridade, actos de contrição, contrição que em regra não dura senão o tempo necessário para iludirem o povo a fim de breve voltarem a alcançar o poder, onde, logo que novamente lá são levados, volvem a proceder como anteriormente, senão dobradamente pior.

Estes dez anos de república, tam pouco ditos: que mais parecem de séculos, provam à saciedade que não há, da banda dos politicos republicanos, como a não havia também por parte dos monárquicos, outra preocupação que não seja a de dispor do poder para darem largas a uma vaidade incommensurável, do mesmo passo que do poder se servem não para atenuar seriamente as dificuldades, sempre crescentes, dos que trabalham, mas para se criarem, e aos grupos que os rodeiam, situações que não seriam factíveis se a sua actividade se desenvolvesse no campo do trabalho útil.

Exemplos a comprovar o nosso aserto são as dezenas e o mais recente é o dado pelo *soi-disant* Grupo Republicano de Reconstituição Nacional, que ultimamente disse dos seus patrióticos propósitos num manifesto ao país, agrupamento constituído por politicos que já produziram as suas provas, a maioria delas divorciada, por pequeninas questões de penacho, do partido democrático, havendo dado, enquanto nesse partido se conservaram, a sua colaboração a todos os actos indignos postos em prática por semelhante agrupamento politico, inclusive a via perseguições realizadas contra o operariado organizado, tendo ainda algumas das suas figuras, como Sá Cardoso, quando presidente dum dos últimos ministérios, praticado contra o proletariado cruentas façanhas, que ainda não foram olvidadas. Basta-nos recordar agora, entre outros casos, a sua execrável atitude para com o pessoal ferroviário da C. P., quando em greve com a respectiva companhia; o infame episódio do vagon-fantasma, verificado em plena greve, e o iníquo gesto, que se deve à sua alma de reacçãoário impenitente, de deportar para Cabo Verde, sem processo nem julgamento, alguns operários que haviam sido expulsos pelo governo brasileiro, acto que o actual ministério, num requinte de malvadez que não nos surpreende, vem de agravar, fazendo remover para as mortíferas paragens da Guiné aqueles homens.

E são criaturas com este passado negro que se atrevem a vir a público afirmar amor pela liberdade, e respeito pelos princípios fundamentais da Constituição, como se já não tivessem dado incofáveis testemunhos de que possuem uma alma fechada a todas as manifestações progressivas do espirito humano, e de que são dotadas de sentimentos os mais mesquinhos!

Se falarmos a linguagem da liberdade e do direito é porque bem sabem elas que, se se apresentassem tais como são, se não cobrissem os seus sentimentos sem grandeza com os ouropéis da mais baixa ficção, não logariam iludir o espirito simplista duma parte do povo, que, por infelicidade sua, ainda se deixa suggestionar pelos polchimelinos da politica, bem depressa esquecendo geralmente os atentados de que é vítima.

O que se dá com o agrupamento partidário que vem de constituir-se é precisamente o que se verifica em relação a todos os outros agrupamentos politicos, desde os que se dizem mais avançados aos mais conservadores, posto que todos por igual portiam, mas só enquanto não dispõem do poder, em cantar hinos à liberdade, por não ignorarem que se exteriorizassem os seus verdadeiros sentimentos reacçãoários não lhes seria fácil o acesso às cadeiras do governo.

Atente o povo na atitude bifronte de todos os agrupamentos politicos perante a ignobil proposta da lei acelerada,

CARTA DE S. PAULO

Prisões e deportações em massa - O arbitrio mais feroz substituiu a Constituição - A ilusão dos trabalhadores que emigram para o Brasil - As dificuldades para obter trabalho - Os operários acatólicos morrem abandonados - Revive a escravidão antiga

MARÇO DE 1920.

Sem exageros de cores, antes com omissões justificáveis pelo estado de nervosismo em que nos encontrávamos, descrevemos na nossa primeira carta a situação em que se debate a família operária desta imensa seuzal de plutocratas exploradores e malandros. Mais calmos, mais serenos vamos agora, porém, esclarecer os leitores de *A Batalha* sobre os pontos que então passámos em claro e que não julgamos razoável manter por mais tempo no ostracismo e no esquecimento. Seria uma falta imperdoável, efectivamente, que os crimes abomináveis, as torpezas inconcebíveis do capitalismo daqui não viessem neste momento à supuração, uma vez que até nós chega o eco doloroso dos infelizes deportados da última reacção, aos quais o governo democrático português, por sugestão do brasileiro, enviou, por seu turno, para a Africa, como criminosos da peor espécie. Para que todos ajuizem, pois, o que é este decantado «paraíso... de ladrões» - conforme lhe chamam um illustre jornalista independente - regressemos um pouco ao passado, isto é, à data em que foi iniciada a sistemática repressão aos redactores de *A Plebe* e aos mais activos e dedicados militantes operários.

Logo que se verificassem as primeiras prisões e deportações toda a imprensa a *una voce*, deu-se pressa em pedir aos governantes a máxima energia «no sentido de pôr termo às greves que entravavam o progresso nacional e nada mais vivavam senão implantar o bolexismo no Brasil». O estribilho era, como se vê, de molde a suggestionar até mesmo os que sempre estiveram mais ou menos ao lado dos deserdados. Por essa razão, nem uma só pessoa que mostrasse tendências liberais foi poupada: os cabalheiros abarrotaram-se de presos de todas as procedências, bastando para isso uma simples denúncia de qualquer anónimo declator. Primeiro foram recolhidos para bodes expiatórios os redactores do órgão proletário: Ogi Damiani e Alessandro Lanella, sendo detidos em suas próprias casas, embarracaram logo a caminho do seu país de origem a Itália. Euzerário Dias, assessor de brasileiro, sofreu torturas inquisitoriais, sendo chibatado por 24 vezes e obrigado a passar fome e a ficar n.º por espaço de alguns dias, depois do que foi expulso, mas que acaba de ser agora indultado devido à campanha da imprensa livre, e do deputado Maurício de Lacerda. Edgard Lueuroth, Andrade Cadete, Affonso Schmidt e outros homisíaram-se, finalmente, para lugares seguros, continuando o autor destas linhas ainda foragido às garras policiaes. Os segundos a serem vítimas do odio burguês foram os membros das direcções dos sindicatos operários, os delegados junto às fabricas e às oficinas e os propagandistas, pertencendo a este numero os camaradas Manuel Gama, Alberto de Castro e tantos outros que se encontram actualmente nas plagas africanas. Por último, como não houvesse mais elementos de destaque para arremessar às enxovias e aos porões dos navios, a burguesia desatou a perseguir todos quantos se animavam, mesmo particularmente, a verberar-lhe as patifarias e os desmandos, de maneira que ainda hoje prossegue a obra de contumaz despotismo a que vive jungido o desventurado povo deste país, que al é pintado pelos emissários dos escravocratas como o El-Dorado sul-americano...

A situação que atravessamos na actualidade, portanto, a dever nada às restantes nações onde o influxo das ideias já levou a sua influencia libertadora. No Brasil ou em Portugal, os trabalhadores sofrem toda a sorte de martírios, passam misérias e necessidades de toda a natureza.

Comparando os salários do primeiro país com os do segundo conclue-se que por cá não é melhor a vida nem mais moderados os esforços dispendidos. Salvo em uma ou outra fabrica ou officina, a jornada das 8 horas ainda não está em vigor na maioria dos estabelecimentos industriais. A circunstancia mais agravante, porém, é esta: enquanto o braço do homem é repellido em toda a linha pelos patrões gananciosos e ladrazaves, é o braço da mulher, principalmente da criança menor de 14 anos, admitido em larga escala em todos os ergastulos do trabalho. O desequilíbrio económico que tal facto produz no lar pobre resalta evidentiíssimo e oferece margem para corolários interessantes. Se os operários portugueses quisessem atentar nêles, certamente desistiriam, em muitos casos, de emigrar para aqui, embaldados por miragens fagueiras mas enganadoras. E' preciso que se convençam, duma vez para sempre, que as comessinas liberdades prometidas e exaradas na Constituição, como sejam o direito de reinição, o direito de falar o e de escrever, o direito de greve, o direito de critica e de livre exame, tudo isso, em snma, não passa de cantos de sercia para adormecer papalvos e ingenuos. E' necessário que saibam, dum modo positivo, que se morre aqui mais facilmente de fome e de inacção do que na própria terra que abandonam. Quem aponta ao Brasil, se não traz consigo cabedal para passar

Para que o público veja

E' corrente atribuir-se o constante aumento do custo da vida às reclamações que os operários são forçados a fazer, para poderem manter-se e às suas famílias, reclamações de que o patronato se aproveita velhacamente, para arrancar um lucro exorbitante na venda ao público consumidor, insinuando que a elevação do preço se deve simplesmente à mandrice e exagerados ganhos dos operários, quando na verdade a parte de leão fica nos cofres dos industriais e comerciantes.

O Estado para não fugir à regra, procede de igual forma, dando uma bagatela aos que o servem e arrancando ao público somas avultadas, o que, fatalmente, vai influir no custo da vida.

Para o comprovar destacaremos do artigo do fundo do nosso colega *O Sul e Sueste*, estes períodos que oterecemos à apreciação do público:

Comparativamente, enquanto com o pessoal se dispõem os tam falados 5.000 contos, arranca-se ao publico quatro ou cinco vezes mais essa importância, porque as tarifas não foram aumentadas apenas em 100, como se determina na lei 922, mas em muito mais, pois que há mercadorias que pagam 150, 200 e até 400 por cento, mais de 400%.

Não temos o mais leve recelo em afirmar que enquanto se corta os ferroviários quanto a que eles tem jus pelo seu trabalho exaustivo, não se lhes pagando como devem, ao publico arranca-se-lhe escandalosamente somas fabulosas, levando-se sobre os ferroviários a responsabilidade de tal estorbo.

Esta é a verdade do que se passa, que damos à publicidade, para que sobre a classe ferroviária o sr. Lucio Azevedo não continue tripudando sem protesto.

Ainda o aniversário de A BATALHA

Continuam as manifestações, quer individuais quer colectivas, a propósito do aniversário do porta-voz da classe trabalhadora portuguesa, reflectindo todas e l s um devotado amor pelo jornal, que numa luta franca, mas leal, combate o despotismo das governantas.

São do nosso colega *O Sul e Sueste*, «energico defensor dos interesses do pessoal ferroviário do Sul e Sueste, as palavras amigas que seguem, que apresentam um valeroso estímulo para esta luta ingrata que *A Batalha* vem travando contra o erro e a tirania.

Passou no dia 25 de Fevereiro p. p. o primeiro aniversário da publicação deste nosso intermitente colega da imprensa diária, cuja existência representa para o proletariado uma segura garantia da sua defesa.

A *Batalha*, que é o porta-voz da organização operária portuguesa, surgiu pelo esforço de meia dúzia de militantes operários, que após o fracasso da greve de Novembro de 1918, quando tudo era desolimo, lançaram a arrajada iniciativa da fundação de um jornal diário, iniciativa que foi delectamente acolhida pelo operariado que a eles tem correspondido com ardor, garantindo-lhe hoje a sua vida.

A vida de *A Batalha* tem-se afirmado num exaustivo combate que os actuais governantes não se sentem bem com a sua perspectiva, razão porque a tem bastantes vezes apreendido.

As mentiras, as explorações e as vexatões da imprensa burguesa, tem a *Batalha* oposto a sua conduta honesta e activa, suportando as violências dos governantes, mas nunca transigindo perante essas violências.

A *Batalha* e aos valerosos e dedicados camaradas que a sua frente tem permanecido, envia *O Sul e Sueste* as suas fraturnas saudações, acompanhadas do mais veemente protesto contra as violências da que neste momento é alvo

Não se assustem
jam os nossos preços
A AINDA BARATO

as para homem e 124750. 134750.
as para homem, 2 solas, a 134750.
as para homem, em pelica pre-
ta, a 124750.
as para homem, 2 solas e revestidas, a 174800.
as para homem, com sola de borracha, a 134750.
as para homem, cor, a 174750 e 174750.
as de pelica para senhora, a 124750, 124000 e 134000.
as de pelica verniz para senhora, a 184000 e 174000.

...necedeiros dos empregados dos
...inhos de Fafro Portugueses e
...Sul e Sueste e da Cooperativa
...empregados do «Diário de No-
...».

PAZARIA S. ROQUE
— Largo de S. Roque — 17


NICA DENTÁRI
ARROS MARINHAS

—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. do Rocio)

J. CONTENTE

Rua do Comércio-33

AMBROSIO, PAPEIS DE R.



Não me ralo!
ali à CHAPELARIA LUX
e por um preço baratis.
impro um chapéu bom, bon

acabado e duma sólides cap
stir a todos os vasos.
PELARIA LUZITANA
rco Marquês do Alegrete, 45-51

ALFAIATARIA
DO
UNDO CHIC
confecciona com a máxima per-

...fazendas ou fornece lin-
padrões. (92)
...sem competência
A DO MUNDO, 66
(Em frente do jornal)

LISBOA

ALCANTARA

ALCANTARA
ERÍSSIMO
a, 37
mento, 111 e 113
ados e toda a qualidade de
de jantar, escritório e sala

desconto aos assinantes de

SOCIAL
s Chapeleiros
apeus, lisos
dissimais,
cantes estrangeiros

**ESPECIALIDADE
EM CHAPEUS
DE SEDA**

FLAMÁO
des da Fonseca, 25, 1.^o
NTOS
a Fonseca. 33

Bento, 74, 74-A
29
ts de Alegrete, 56, 58
onets

(Esclusivo)

This image shows a blank, aged, light brown page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a textured, slightly mottled appearance with some creases and discoloration, characteristic of old paper. There is no text or other markings on the page.